



O PSICOPEDAGO E SEU PAPEL NO CONTEXTO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ESPAÇO ESCOLAR

Cristiane de Fátima Costa Freire; Iana Fernandes Caldas; Francisco Cezimar Batista Freire; Maria Eridan da Silva Santos; Kaíza Maria Alencar de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

E-mails: crisnenem8@hotmail.com; iana_psicologia@hotmail.com; cezimarfreire@hotmail.com;

eridan.santos@outlook.com; kaizaalencar@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho traz a explanação de um estudo de caso, que tem como objetivo descrever as experiências vivenciadas na aplicação das principais avaliações para um diagnóstico psicopedagógico. Para tal desiderato utilizamos uma abordagem qualitativa para apreciação dos dados da entrevista com os pais e com o aprendiz. Ao final das avaliações é considerada uma hipótese diagnóstica com a sugestão de encaminhamento para uma avaliação psicológica mais específica, em decorrência de acontecimentos familiares que envolve a criança no momento da avaliação. Frente aos resultados a devolutiva é apresentada a família a qual direcionará o aprendiz a terapias e psicoterapias que auxiliem no processo de superação da limitação encontrada.

Palavras-chave: Psicopedagogia, dificuldades de aprendizagem, estudo de caso.

Introdução

A psicopedagogia tem como prioridade trabalhar as dificuldades de aprendizagem, que se caracterizam segundo Chamat (2008) por problemas sem nenhuma causa orgânica, mas com prejuízos intelectuais no desenvolvimento do indivíduo. O processo de investigação é geralmente iniciado pela instituição educacional ou mesmo familiar quando consegue identificar alguma dificuldade na criança quanto ao processo de aprendizagem.

Utilizamos como ponto principal de questionamento para embasar o trabalho, a forma que o psicopedagogo utiliza para chegar a identificar uma dificuldade de aprendizagem, tendo como principal objetivo apresentar um estudo de caso, onde descreve todo processo de atendimento inicial para um diagnóstico psicopedagógico.



Ao longo de todo processo de diagnóstico são utilizados vários recursos que auxiliam na identificação do problema. A entrevista operatória centrada na aprendizagem – EOCA, segundo Sampaio (2014) a mesma é de fundamental importância no processo de investigação dos modelos de aprendizagem, principalmente para conhecer as condutas evitativas do aprendente no processo de ensino aprendizagem.

Posteriormente o psicopedagogo fica livre para organizar a sequência do seu processo de avaliação, com a utilização da anamnese que procura investigar a situação familiar e social a qual o indivíduo está inserido, as provas operatórias que buscam identificar o nível cognitivo e a sequência lógica do raciocínio, como também as provas projetivas a qual avalia os vínculos criados pelo indivíduo ao longo da vida.

Mediante ao processo de análise dos recursos utilizados na avaliação psicopedagógica, o profissional tem condições de elaborar um diagnóstico frente as dificuldades apresentadas de forma direta e indireta pelo indivíduo, como também do conteúdo apresentado pela família ou mesmo pela instituição educacional referente ao aluno. Posterior ao diagnóstico é levantado hipóteses de acompanhamento ou encaminhamento para uma maior resolutividade das dificuldades apresentadas.

Metodologia

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso, mediante a seleção, síntese e sistematização das seguintes categorias teóricas: o papel do psicopedagogo e os problemas de aprendizagem no contexto escolar.

[...] Segundo Goode e Hatt (1968), o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso. (LUDKE e ANDRÉ, 1986 P. 17)

Nesse sentido, espera-se, com a pesquisa ora relatada, a geração de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas, e conseqüentemente outros estudos de caso na área da psicopedagogia.



Resultados e Discussão

O estudo em pauta tem como objetivo principal descrever as experiências vivenciadas na aplicação de exames e testes com um aluno com dificuldades de aprendizagem, desenvolvemos uma atividade prática para o aprofundamento das teorias estudadas na disciplina de Prática Clínica Supervisionada I do curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica da Faculdade São Francisco da Paraíba/ FASP. Realizamos as experiências com o aluno Fred de 12 anos (nome fictício), ressaltamos que entre muitas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem escolhemos ele para relatar a experiência pela idade e por apresentar um elevado grau de dificuldades no que se refere ao ensino aprendizagem. Segundo Sampaio (2009),

Por meio da aplicação das provas operatórias, teremos condições de conhecer o funcionamento e o desenvolvimento das funções lógicas do sujeito. Sua aplicação nos permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação à sua idade cronológica, ou seja, um obstáculo epistêmico. (SAMPAIO, 2009 p. 41)

Nesse sentido as provas operatórias permitem uma avaliação completa do sujeito para que o atendimento possa suprir suas dificuldades de aprendizagem. Ainda a esse respeito Sampaio (2009 apud VISCA, 1995), diz que “A aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa, e reconhecer as diferenças funcionais realizando um estudo predominantemente qualitativo”. (SAMPAIO, 2009 p. 41 apud VISCA, 1995 p. 11)

No primeiro contato com a criança, para o levantamento de hipóteses a respeito do caso, iniciamos com a entrevista (EOCA), pois sabemos que não existe uma sequência, podemos iniciar a entrevista com os pais através da anamnese, buscando entender inicialmente a queixa principal e a história de vida da criança; como também com a EOCA que segundo Visca (1995), assim poderíamos ter uma visão da criança sem a contaminação dos pais. As propostas a serem feitas na EOCA, assim como o material a ser usado, vão variar de acordo com a idade e escolaridade do aprendente. O material comumente utilizado para a criança é composto numa caixa aonde o aprendente encontrará vários objetos, sendo alguns deles relacionados a aprendizagem, tais como; cola, tesoura, papel sulfite branco e colorido, papel crepom e seda, coleção e cola colorida, livros, revistas para recorte e colagem e diversos outros materiais. O objetivo da caixa é dar ao aprendente a oportunidade de explorá-la enquanto o psicopedagogo o observa, nesse momento serão



observados alguns aspectos da criança como; a sua reação, organização, apropriação, imaginação, regras utilizadas, etc.

Durante a realização da seção procuramos observar três aspectos; a temática que envolverá, o significado do conteúdo das atividades em seu aspecto manifesto, e a dinâmica que é expressa através da postura corporal, gestos, tom de voz, modo de sentar, e manipular os objetos, o produto feito pelo paciente, que será a escrita, o desenho, as contas, a leitura etc., permitindo assim uma primeira avaliação do nível pedagógico. Depois de colocar o material sobre a mesa, pedi que o mesmo mostrasse o que sabia fazer utilizando o material exposto, a criança observou, apropriou-se do material e sem fazer nenhuma leitura oral pegou a revista folheou por algum momento, em seguida o livro, folheou, e colocando sobre as pernas recortou uma gravura relacionada aos pontos cardeais, colou a gravura na folha azul e com a caneta esferográfica começou a escrever sobre seu significado. A criança não perguntou nada durante a realização da atividade, manipulava o material na medida em que ia utilizando. Com relação a escrita sempre que ia escrever utilizava uma régua para traçar as linhas, não se preocupava com rasuras, não fazia parágrafo nem pontuação, sempre escrevendo cópia do livro relacionado a gravura. Com relação à leitura percebemos que no momento que estava escrevendo ele tentava ler algumas palavras, no final pedimos que lesse o que ele tinha escrito a respeito da gravura, o aluno apresentou muita dificuldade durante a leitura.

Outra seção realizada foram as provas projetivas psicopedagógicas organizadas de acordo com os estudos do professor Jorge Visca (1995) onde, segundo ele, são recursos, dentre outros, para a compreensão de variáveis emocionais que condicionam de forma positiva ou negativa a aprendizagem. As provas projetivas são utilizadas no contexto psicopedagógico como um meio de análise e depuração do sistema de hipóteses e devem ser aplicadas quando há suspeita de implicações emocionais ou vínculos negativos com a aprendizagem. O objetivo de se utilizar uma prova projetiva psicopedagógica é verificar as significações do ato de aprender e as relações vinculares que se formam com o conhecimento e as figuras ensinantes. As provas projetivas psicopedagógicas foram propostas por Visca (1995), com o objetivo de analisar:

- Vínculos escolares: par educativo, eu com meus companheiros, o plano de sala de aula.
- Vínculos familiares: o plano de minha casa, os quatro momentos de uma dia, família educativa;
- Vínculos consigo mesmo: desenho em episódios, o dia do meu aniversário, em minhas férias, fazendo o que eu mais gosto. (ADRIANA SORDI – UNIGRAN)



Assim, entende-se por projetivas, pois no desenho e em algumas provas específicas a criança se projeta emocionalmente, ou seja, demonstra a sua vida afetiva através deste instrumento.

Desse modo utilizamos a prova Par Educativo com o objetivo de investigar o vínculo do examinado com a aprendizagem. Neste teste pede-se que o examinado desenhe duas pessoas, uma que ensina e outra que aprende que indique o nome de cada pessoa e a idade de cada um e, por fim, pede-se que dê um título ao desenho e que escreva o que está acontecendo. Ao pedir para realizar a atividade o aluno quis se apropriar da régua, mas esse objeto não estava disponível, fez várias tentativas, e apagou várias vezes. Percebemos que quando colocado para produzir e exigindo dele que pensasse e ordenasse as ideias, teve muita dificuldade.

Outra prova realizada foi a Família Educativa, que tem como objetivo avaliar como se dá o relacionamento da família como um todo e também em suas diferentes partes. É necessário deixar claro que antes de realizar esse teste é preciso investigar qual a visão que o aprendente tem de família e como se encontra sua família, pois sabemos que nos dias atuais são muitas as variações sofridas pelas famílias que outrora eram formadas por pai, mãe e filhos.

Essas relações devem ser conhecidas e esclarecidas para evitar distorções na análise do teste. O procedimento do teste é o seguinte: *É solicitado ao aprendente que desenhe sua família, dessa forma liberamos o aprendente tanto no nível inconsciente quanto no nível crítico para falar de sua família que pode ser representada como é na realidade ou como o aprendente a idealiza. Posteriormente pedimos que dê nomes a cada um dos indivíduos representados no desenho e que conte uma história sobre essa família.*

Ao representar sua família a criança fez os desenhos de forma bem infantil para sua idade. Os relatos referentes à sua família são redigidos a partir da visão da criança e de sua escolaridade, ao dar nomes a seus familiares, em alguns ele coloca o apelido. Ao perguntar qual a relação entre eles no que se refere ao ensino aprendizagem, ele falou que era mais ou menos, e que seu Avô ajudava nas tarefas de casa. Um fato que nos chamou atenção foi que ao representar a família ele não envolveu seu Avô, mais disse em seguida que morava com ele e não com sua família.

No Par Educativo cujo o objetivo principal segundo Visca (1995), é investigar o vínculo de aprendizagem, podemos perceber a partir dos desenhos que a criança se coloca na posição de ensinar e aprender somente na escola, mais precisamente na sala de aula, em seu contexto familiar



entende-se que não se aprende fora da escola. Na escrita em ambas as situações apresentaram inúmeras deficiências ligadas a disgrafia; coordenação, leitura, percepção, escrita desorganizada entre outras.

Uma outra atividade desenvolvida foram as provas Piagetianas, segundo Piaget (1967), o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral. Através dele se processa a construção de conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório. Agindo sobre os objetos, as crianças, desde pequenas, estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolvendo a noção de casualidade, chegando à representação e, finalmente, à lógica. As crianças ficam mais motivadas para usar a inteligência, pois querem jogar bem, esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos como emocionais.

Outra prova Piagetiana realizada foi o teste de conservação de quantidades descontínuas de líquidos, consiste em estabelecer uma relação entre a mesma quantidade de líquidos em recipientes de formatos diferentes, no qual podemos verificar o nível do estágio cognitivo das crianças. Piaget estabelece estágios de desenvolvimento cognitivo de acordo com a maturação da criança, são eles: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operações formais. Segundo Nelson (2013) “Cada estágio constitui-se numa preparação para o que está por vir; numa organização do desenvolvimento mental que se dá progressivamente em função da sua *adaptação* à realidade, às exigências da mesma”. (NELSON, 2013 p. 72)

Desse modo, iniciamos a prova colocando dois recipientes iguais, tanto no formato quanto na quantidade de líquido, diante da criança. Em seguida lhe perguntamos se a quantidade de líquido era a mesma nos dois recipientes, para testar a sua capacidade perceptível de quantidade. Fred analisou os dois copos e respondeu que sim, logo o mesmo consegue compreender a relação quantitativa. Prosseguindo com o exame, fizemos uma transformação de um copo para um copo de comprimento maior e mais fino, porém conservando a mesma quantidade do líquido.

Diante desta nova situação questionamos se o recipiente que foi colocado à água tinha mais quantidade ou menos quantidade com relação ao copo anterior. Fred respondeu que o copo tinha mais. Pedimos que justificasse a sua resposta, logo percebeu e argumentou que tinha a mesma quantidade de líquido, porém o copo era mais fino e com isso a água ficava mais alta do que o copo anterior.



Finalizamos nossa escrita considerando o importantíssimo papel desempenhado pelo psicopedagogo clínico, podemos perceber que intervir na vida do aprendente que apresenta algum tipo de dificuldade de aprendizagem, e ajudá-lo a superar suas limitações trazendo de volta sua autoestima, é algo gratificante.

A intervenção que se dá a partir de uma queixa trazida pela família ou na instituição pelos profissionais que acompanham a trajetória escolar desse sujeito aprendente e que conhece suas dificuldades pode vir a ser uma das ferramentas imprescindíveis para o trabalho psicopedagógico.

A importância da parceria da Psicopedagogia e as demais áreas que atendem o indivíduo como os profissionais da educação e da saúde, como também, a família do aprendente, tendo como objetivo comum à aprendizagem do envolvido é algo que merece ser fortalecido em todos os sentidos.

Conclusão

A relevância desse tipo de pesquisa é poder contribuir reflexivamente diante dos desafios que surgem para o professor no que se refere às dificuldades de aprendizagem no contexto da sala de aula, bem como o papel do psicopedagogo no auxílio ao professor e a família para ajudar o aluno aprendente a superar as barreiras que o cercam. Desse modo, muitas estratégias são apresentadas para mudança, que não se consolida por meio de receitas fantásticas, mas na reflexão coletiva de cada professor no seu fazer pedagógico, revendo conceitos e reinventando a prática, numa busca constante para organização de um trabalho pedagógico reflexivo e de acordo com os estilos e ritmos de aprendizagem de cada indivíduo.

É necessário que a comunidade escolar, adote uma filosofia de ensino inclusiva, onde exista o processo de ensino e aprendizagem de qualidade para todos, e não apenas com tarefas mecânicas ou um sistema metodológico em que todos os alunos fazem as mesmas coisas, da mesma forma e com os mesmos materiais. Para um melhor resultado do trabalho psicopedagógico existe a chamada “Entrevista Devolutiva” que é de responsabilidade de quem realizou o diagnóstico psicopedagógico, e jamais poderá ser dada por telefone. As informações deverão ser dadas aos pais e ao filho separadamente, pois desta forma, favorecemos a distinção de identidades dentro do grupo familiar. A criança não deve ser excluída da devolução de informações, já que sua problemática é



motivo central da consulta, o psicopedagogo deve atentar para a linguagem que deverá ser no nível de entendimento da criança e dos pais evitando usar termos técnicos ou ambíguos.

No nosso caso aqui apresentado, a entrevista de devolução não foi concluída ainda por não termos um bom conhecimento do caso, ou seja, ao terminar o processo, todos os dados coletados serão encaminhados para o psicólogo que analisará criteriosamente todo o material colhido e irá elaborar hipóteses explicativas que serão capazes de situar o aprendente dentro de um contexto como um todo, levando-se em conta as suas capacidades, limitações e defesas. Essa entrevista servirá para o entrevistador comunicar em que consiste o Psicodiagnóstico, e indicar a terapia que julgará mais adequada. Um ponto fundamental para essa análise é comparar a entrevista inicial com a de devolução, pois vai-se ter uma noção de como é que foi todo o processo e de como é que está sendo a devolução de informações, se aconteceu alguma mudança, se a queixa se desdobrou ou se transformou, e assim vai mostrar que modificações houveram. Nesse sentido requer mais tempo para uma amostra mais elaborada.

Referências

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico**: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista. 1. Ed. – São Paulo: Vetor, 2004.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógica**: para dificuldades e problemas de aprendizagem. 1. Ed. – São Paulo: Vetor, 2008.

Diagnóstico Psicopedagógico - Adriana Sordi - UNIGRAN 31 31 Aula 02. ETAPAS DO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO. Disponível em:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/16312557/diagnosticopsicopedagogico>

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NELSON, Piletti. **Psicologia da Aprendizagem**: da teoria do conhecimento ao construtivismo. 1.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SAMPAIO, Simaia. Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico. Wak editora, 2009.